
TEOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE





FREUD E A RELIGIÃO¹

Freud and the religion

Fernando Cardoso Bertoldo²

RESUMO

No presente artigo apresentamos a relação de Freud com a religião, com o propósito de apresentar a origem do monoteísmo judaico e cristão, tal como desenvolver a gênese do fenômeno religioso segundo Freud dentro da perspectiva da neurose obsessiva. Este artigo é concluído com as possibilidades teológicas na psicanálise através de uma breve exposição do diálogo entre Freud e Pfister, tendo em vista que esse diálogo mudou a história do diálogo entre a Psicanálise e a Religião. Sendo assim, através dessa exposição, consideramos que Freud ficou restrito a observar a religião sob a perspectiva da neurose obsessiva e não contemplou as possíveis contribuições que a psicanálise poderia proporcionar para a maturidade cristã, embora a busca por maturidade psíquica, que Freud visava com a psicanálise, pudesse contribuir para esse desenvolvimento de acordo com Pfister.

Palavras-chave: Freud. Religião. Neurose obsessiva. Psicanálise e fé.

¹ Artigo recebido em 20 de junho de 2018, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 23 de novembro de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Fernando Cardoso Bertoldo é Mestre em Teologia pela PUCRS (2017) e doutorando em Teologia pela Faculdades EST (início 2017). É Bacharel em Psicologia pela PUCRS (2013). Bolsista CAPES. Email: nandobertoldo@hotmail.com

ABSTRACT

In this article, we present Freud's relationship with religion with the purpose of presenting the origin of Jewish and Christian monotheism, as well as developing the genesis of religious phenomena according to Freud from the perspective of obsessional neurosis. This article concludes with the theological possibilities in psychoanalysis through a brief exposition of the dialogue between Freud and Pfister, since this dialogue has changed the history of the dialogue between Psychoanalysis and Religion. Thus, through this exposition, we consider that Freud was restricted to observing religion from the perspective of obsessional neurosis and did not contemplate the possible contributions that psychoanalysis could provide for Christian maturity, although the search for psychological maturity that Freud aimed at with psychoanalysis could contribute to this development according to Pfister.

Keywords: *Freud. Religion. Obsessive Neurosis. Psychoanalysis and Faith.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo desenvolve uma análise das obras sobre religião de Sigmund Freud com a finalidade de reconstruir a crítica freudiana completa à religião. Levamos em conta, também, o contexto em que ele viveu para, a partir disso, fundamentar a reconstrução de seus pensamentos em relação ao ateísmo e à psicanálise, analisando também o impacto desses fatores em suas teorias sobre as origens e funções da religião.

A metodologia utilizada neste primeiro momento adota a análise crítica das obras de Freud sobre a religião. Neste texto, estudamos as obras “Atos obsessivos e prática religiosa” (1907), “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1917), “O mal-estar na civilização” (1929) e “Moisés e o monoteísmo” (1939), em consonância com obras e artigos que pesquisam e debatem esses textos de Freud.

De acordo com Ernst Jones, “Sigmund Freud nasceu às 18:30 horas do dia 6 de maio de 1856, no nº 17 da Schlossergasse, em Freiberg, na Morávia, e morreu em 23 de setembro de 1939, no nº 20 da Maresfield Gardens, em Londres”³. Freud, em sua autobiografia, descreve sua origem:

Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu. Tenho razões para crer que a família de meu pai residiu por muito tempo no Reno (em Colônia), que ela, como resultado de uma perseguição aos judeus durante o século

³ JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1981, p. 15.

XIV ou XV, fugiu para o leste, e que, no curso do século XIX, migrou de volta da Lituânia, passando pela Galícia, até a Áustria alemã. Quando eu era uma criança de quatro anos, fui para Viena e ali recebi toda minha educação. Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse. Sob a influência de uma amizade formada na escola com um menino mais velho que eu, e que veio a ser conhecido político, desenvolvi, como ele, o desejo de estudar direito e de dedicar-me a atividades sociais. Ao mesmo tempo, as teorias de Darwin, que eram então de interesse atual, atraíram-me fortemente, pois ofereciam esperanças de extraordinário progresso em nossa compreensão do mundo; e foi ouvindo o belo ensaio de Goethe sobre a Natureza, lido em voz alta numa conferência popular pelo professor Carl Brühl pouco antes de eu ter deixado a escola, que resolvi tornar-me estudante de medicina.⁴

Ernst Jones sustenta que, ao “deixar a escola, Freud teve que enfrentar o angustiante problema de escolher uma carreira. Ainda não tinha chegado a uma decisão, e seu pai deixou-o inteiramente livre na decisão”⁵. Essas questões acentuam-se durante o seu curso de Medicina, com relação ao seu ingresso na universidade: “Quando em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu”⁶. Talvez como reflexo dessa realidade, “Freud admitiu para si mesmo que desenvolveu de maneira negligente os estudos próprios da carreira médica”⁷. Como veremos, Freud sofreu exclusão e discriminação por ser judeu:

Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha “raça”. Suportei, sem grande pesar, minha não aceitação na comunidade, pois parecia-me que apesar dessa exclusão, um dinâmico companheiro de trabalho não poderia deixar de encontrar algum recanto no meio da humanidade. Essas primeiras impressões na universidade, contudo, tiveram uma consequência que depois viria a ser importante, porquanto numa idade prematura familiarizei-me com o destino de estar na Oposição e de ser posto sob o anátema da “maioria compacta”. Estavam assim lançados os fundamentos para um certo grau de independência de julgamento.⁸

⁴ FREUD, S. **Um estudo autobiográfico** (1925 [1924]). Rio de Janeiro: Imago, 1996h, p. 5.

⁵ FREUD, 1996h, p. 40.

⁶ FREUD, 1996h, p. 5.

⁷ JONES, 1891, p. 49.

⁸ FREUD, 1996h, p. 5.

Freud, em sua autobiografia, acrescenta orgulhosamente que:

Tornei-me aluno [élève] na Salpêtrière, mas, como um dos numerosos alunos estrangeiros, dispensavam-me inicialmente pouca atenção. Certo dia, ouvi Charcot externar o pesar de que desde a guerra não tinha tido mais notícias do tradutor alemão de suas conferências e prosseguiu dizendo que ficaria satisfeito se alguém se encarregasse de verter o novo volume de suas conferências para o alemão. Escrevi-lhe oferecendo meus préstimos; ainda me recorro de uma frase da carta, no sentido de que eu sofria apenas de “l’aphasie motrice” e não de “l’aphasie sensorielle du français”. Charcot aceitou a oferta, fui admitido no círculo de seus conhecidos pessoais, e a partir dessa época tomei parte integral em tudo que se passava na clínica.⁹

Após seu retorno a Viena, houve um importante encontro para o desenvolvimento da psicanálise: o de Freud com Josef Breuer. Jones afirma: “não tem sido fácil estimar a importância de Breuer para Freud e seu trabalho”¹⁰.

“Freud conheceu Breuer no Instituto de Fisiologia, no final de 70: como compartilhavam os mesmos interesses e pontos de vista, logo se tornaram amigos.”¹¹ Em sua autobiografia, Freud comenta:

Enquanto ainda trabalhava no laboratório de Brücke, eu travara conhecimento com o Dr. Josef Breuer que era um dos médicos de família mais respeitados de Viena, mas que também possuía um passado científico, visto que produzira vários trabalhos de valor permanente sobre a fisiologia da respiração e sobre o órgão do equilíbrio. Era um homem de notável inteligência e quatorze anos mais velho que eu. Nossas relações logo se tornaram mais estreitas e ele se tornou meu amigo, ajudando-me em minhas difíceis circunstâncias. Adquirimos o hábito de partilhar todos os nossos interesses científicos. Nessa relação, só eu naturalmente tive a ganhar. O desenvolvimento da psicanálise, depois, veio a custar-me sua amizade. Não me foi fácil pagar tal preço, mas não pude fugir a isso.¹²

Segundo Jones, “no decorrer desses anos lançou-se o que foi chamado de ‘Movimento Psicanalítico’ – expressão não muito feliz, mas empregada tanto por amigos quanto por inimigos”¹³. Já de início o movimento psicanalítico ganhou

⁹ FREUD, 1996h, p. 7.

¹⁰ JONES, 1981, p. 229.

¹¹ JONES, 1981, p. 231.

¹² FREUD, 1996h, p. 11.

¹³ JONES, 1981, p. 80.

seguidores, que mais tarde tornaram-se inimigos de Freud tais como Jung – que, a princípio, fora muito admirado por Freud, carregando a responsabilidade de estender a psicanálise para além do círculo judaico (uma vez que Jung era protestante, assim como Alfred Adler, outra importante personalidade do Movimento Psicanalítico em seu primeiro momento). A perda desses pesquisadores foi de grande impacto para Freud, e não foi sem ressentimento que ele tratou esse episódio:

Na Europa, durante os anos de 1911-13, ocorreram dois movimentos secessionistas da psicanálise, conduzidos por homens que haviam previamente desempenhado considerável papel na nova ciência, Alfred Adler e C. G. Jung. Ambos os movimentos pareceram altamente ameaçadores e rapidamente obtiveram grande número de adeptos, contudo, sua força estava não em seu próprio conteúdo, mas na atenção que ofereciam de estar libertados do que se julgava como os achados repelentes da psicanálise, muito embora seu material real não fosse mais rejeitado.¹⁴

Em 1939, com ascensão do Nazismo, Freud – já muito doente e com câncer – muda-se para Londres, onde acaba falecendo. Segundo Peter Gay, “em 21 de setembro, Schur aplicou em Freud uma injeção de três centigramas de morfina e Freud mergulhou em um sono pacífico”¹⁵. E, mais adiante, Gay conclui: “ele morreu as 3 horas da manhã de 23 de setembro de 1939.”¹⁶

1 INFLUÊNCIAS PESSOAIS DE FREUD E DO JUDAÍSMO NA TEORIA DA PSICANÁLISE

Freud tem uma vasta obra composta por textos, artigos e livros. Seus grandes clássicos são “Interpretação dos sonhos” (1899), “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1917), “O ego e o id” (1923), “Mal-estar na civilização” (1929) e “Moisés e o monoteísmo” (1939), dentre outras obras.

Rotular a psicanálise como uma ciência judaica, tendo em vista a ascendência do autor, implicaria para Freud aceitar certas companhias não

¹⁴ FREUD, 1996h, p. 49.

¹⁵ GAY, P. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 650.

¹⁶ GAY, 2012, p. 650.

muito agradáveis. Assim, “os partidários dessa noção constituíam uma aliança incongruente que abarca judeus ávidos por se apossar de Freud e gentios ansiosos e rancorosos por desacreditá-lo”¹⁷. Esses aspectos são centrais quando se discute a formação da psicanálise e seu status científico.

A psicanálise desenvolve-se ao longo das quatro décadas de produção e pesquisa de Freud, desde a publicação de sua obra-prima “Interpretação dos sonhos”, em 1899, até sua última obra publicada em 1939, “Moisés e o monoteísmo”. Existem questões da vida pessoal do autor que nos parecem relevantes para a constituição e para o desenvolvimento da psicanálise. Os eventos que assolaram a vida de Freud, por exemplo, parecem ter determinado, de certa forma, a maneira como a psicanálise foi desenvolvida. É possível, assim, analisar alguns aspectos psicológicos do autor, alguns traços marcantes de sua vida e dar enfoque também a elementos mais subjetivos de sua personalidade a fim de entender sua obra à luz de sua vida pessoal.

Freud não concordava necessariamente com a afirmação de que a psicanálise é uma ciência judaica. Ele discordava dessa caracterização: “para Freud, a ciência não distingue cores, ela é indiferente a características nacionais, étnicas ou raciais – e a psicanálise é uma ciência, por isso ele nunca poderia ter aceitado a descrição da psicanálise como uma ciência judaica.”¹⁸ No entanto isso é questionável, pois mesmo que Freud tentasse desenvolver uma ciência imparcial, elementos do judaísmo continuam presentes em sua obra. Tendo isso em vista, “o investimento tanto na afirmação quanto na negação do caráter judaico da psicanálise é de extrema intensidade”¹⁹. Freud “jamais negou sua origem judaica e também falava dela com orgulho, sem negar a importância de suas origens para ele”²⁰. O que Freud buscava negar era sua ligação com o caráter monoteístico do judaísmo.

A obra de Freud começou a ganhar espaço na comunidade científica de sua época quando ele passou a desenvolver suas pesquisas sobre o fenômeno da histeria. De acordo com Peter Gay, “Freud tinha suas próprias resistências a combater e superar, mas, a julgar pelos casos que apresentou em ‘Estudos sobre

¹⁷ GAY, 2012, p. 121.

¹⁸ GAY, 2012, p. 124.

¹⁹ GAY, 2012, p. 124.

²⁰ GAY, 2012, p. 124.

Histeria’, ele fez do aprendizado com seus pacientes uma espécie de programa”²¹. Essas descobertas, ainda que tenham sido abandonadas por Freud posteriormente, foram muito importantes para o conjunto de sua obra. De acordo com Freud,

Durante os anos que se seguiram à publicação dos Estudos, tendo chegado a essas conclusões sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses, li alguns artigos sobre o assunto perante várias sociedades médicas, mas só me defrontei com incredulidade e contradição.²²

Freud buscará soluções para as disfunções da histeria em sua principal obra: “Interpretação dos sonhos”. Ele relata que foram seus experimentos catárticos que o ajudaram a trazer à luz essa “descoberta aparentemente original. Também não estava cômico de que ao derivar a histeria da sexualidade eu estava voltado aos próprios inícios da medicina e acompanhando um pensamento de Platão”²³.

Freud elaborou sua teoria da psicanálise principalmente através da autoanálise. Por essa razão, a psicanálise apresenta traços tão presentes da vida de Freud. A decisão de sacrificar seus desejos, tranquilidade e felicidade em prol do desenvolvimento da psicanálise tornou-se notável, uma vez que o início de sua autoanálise – iniciada dois anos antes da publicação de “Interpretação dos sonhos” – repercutiu ao longo dos quarenta anos seguintes, refletindo-se em suas descobertas através da análise de pacientes²⁴.

Com relação às diversas questões levantadas em “Estudos sobre histeria”, Freud as tenta solucionar em “A interpretação dos sonhos”. Segundo Peter Gay:

Muito a propósito, Freud abriu a “Interpretação dos sonhos” com uma provocadora demonstração: nas páginas que se seguem, vou apresentar provas de que existe uma técnica psicológica que permite interpretar os sonhos e que, com a aplicação de tal procedimento, cada sonho se revela como uma estrutura psíquica dotada de sentido, que pode ser inserida em um ponto determinável nas atividades mentais da vida desperta.²⁵

²¹ GAY, 2012, p. 86.

²² FREUD, 1996h, p. 16.

²³ FREUD, 1996h, p. 14.

²⁴ Cf. JONES, 1981.

²⁵ GAY, 2012, p. 121.

Freud conta que foi a experiência da morte de seu pai que o levou a escrever a “Interpretação dos sonhos” (1898), e a redação desse trabalho ocorreu juntamente com os dois primeiros anos de sua autoanálise; pode-se, assim, considerar as duas obras legitimamente como um conjunto. No prefácio da segunda edição, escrito em 1908, Freud afirmou que só reconheceu a correlação com a morte de seu pai após haver terminado o livro: “ele se revelou para mim como uma parte de minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao acontecimento mais importante, à perda mais pungente, na vida de um homem”²⁶.

Uma série de fatores nos leva a compreender o desenvolvimento da obra de Freud e da construção da psicanálise em correlação com suas críticas ao monoteísmo judaico. Esses fatores vão atingir seu ápice na última obra de Freud, “Moisés e o monoteísmo”: “Uma vez publicado o argumento completo de Freud, revelou-se que os cristãos tinham tão boas razões quanto os judeus para considerar Moisés e o monoteísmo desagradável e mesmo escandaloso”²⁷. Gay acrescenta:

A análise de Freud, exatamente por soar tão científica e desapaixonada, é extremamente desrespeitosa para o cristianismo. Ele trata a parte central da história cristã como uma gigantesca fraude, ainda que inconsciente. Mas Freud não parou por aí. Um judeu, Saulo de Tarso – Paulo –, foi o primeiro a reconhecer indistintamente a razão da depressão que pesara na civilização de sua época: “Matamos Deus pai”. Era uma verdade que ele só poderia apresentar sob “o disfarce delirante das boas-novas”. Em suma, a lenda cristã da redenção através de Jesus, sua vida e seu destino, era uma ficção autodefensiva ocultando alguns atos – ou desejos – terríveis.²⁸

Mais adiante, aprofundaremos as conexões entre a crítica freudiana à religião e a morte de seu pai, sendo esse um fator importante para o entendimento de sua obra, e analisaremos outros temas recorrentes em suas teorias como incesto, canibalismo e homicídio. No presente trabalho, iremos nos restringir às obras de Freud sobre religião e, portanto, não nos estenderemos à vastidão de seu legado teórico.

²⁶ JONES, 1981, p. 327.

²⁷ GAY, 2012, p. 643.

²⁸ GAY, 2012, p. 644.

2 RELIGIÃO E SEXUALIDADE INFANTIL

Alguns anos após a publicação de “Interpretação dos sonhos”, Freud publicou outra de suas obras mais importantes: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. De acordo com Gay, “em 1905, nos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, ele havia alcançado o ponto onde podia criticar os colegas psiquiatras por atribuírem demasiada importância à hereditariedade”²⁹. Alguns aspectos com relação a essa obra podem ser vistos a seguir:

Quando Freud (1905) faz alusão à perversão polimorfa da criança, além de apontar que a satisfação advém das múltiplas zonas erógenas do corpo, ele postula que o prazer está ligado a certas fixações relacionadas às fases da sexualidade infantil, que permanecem registradas no psiquismo e contribuem para a conformação da sexualidade genital de cada um na vida adulta. A sexualidade infantil constitutiva da condição subjetiva faz-se presente na organização psíquica do adulto. Dessa forma, pode-se sustentar que há uma centralidade na obra de Freud sobre o lugar da sexualidade na formação psíquica, na constituição da subjetividade, o que requer considerar, inevitavelmente, seus destinos na cultura.³⁰

Também nos cabe esclarecer que, quando Freud fala de perversão polimorfa, ele está falando de uma sexualidade que não atingiu sua maturidade genital, e que se manifesta apenas de forma inconsciente, não podendo assim ser vista como uma sexualidade madura e adulta. Essa descoberta vai fundamentar a base da teoria psicanalítica, tendo em vista que toda a obra de Freud está fundamentada na sexualidade infantil. Segundo Freud, a sexualidade infantil influencia todo nosso funcionamento psíquico e, conseqüentemente, isso se reflete em nossas ações e atitudes ao longo da vida (geralmente de forma velada). Essas influências recalçadas permaneceriam inacessíveis para a consciência, ainda que provocadas pela reação psíquica a eventos reais, e a única maneira de libertar-se dos sofrimentos decorrentes dessas questões seria o próprio entendimento das mecânicas mentais. Naturalmente, tais pressupostos influenciaram Freud em sua abordagem sobre a religião, uma vez que os atos e as práticas religiosas, segundo o autor, estão condicionados a questões de ordem infantil. Em “Totem e tabu”, talvez

²⁹ GAY, 2012, p. 138.

³⁰ GUIMARÃES, V. C. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. In: **Educativa**. Goiânia, v. 15, n. 1, jan./jun., 2012, p. 53-66, aqui p. 53.

sua obra mais importante sobre religião, Freud busca esclarecer as dinâmicas entre religião e sexualidade infantil:

Em quatro ensaios, enfeixados num livro com o título de “Totem e tabu” [1912-13], mostrei que o horror do incesto era ainda mais acentuado entre as raças primitivas do que entre as civilizadas e dera lugar a medidas muito especiais de defesa contra ele. Examinei as relações entre as proibições tabus (a forma mais antiga na qual as restrições morais fazem seu surgimento) e a ambivalência emocional, e descobri sob o esquema primitivo do universo conhecido como “animismo” o princípio da superestimativa da importância da realidade psíquica – a crença “na onipotência dos pensamentos” – que está na raiz da magia também. Desenvolvi a comparação com a neurose obsessiva em todos os pontos, e mostrei quantos dos postulados da vida mental primitiva ainda estão em vigor nessa notável doença. Antes de tudo, todavia, vi-me atraído pelo totemismo, o primeiro sistema de organização nas tribos primitivas, um sistema no qual os inícios da ordem social estão unidos com uma religião rudimentar e com o domínio implacável de um pequeno número de proibições tabus. O ser reverenciado é, em última análise, sempre um animal, do qual o clã também pode reivindicar ser descendente. Muitos indícios apontavam para a conclusão de que toda raça, mesmo a mais altamente desenvolvida, havia outrora passado pela fase do totemismo.³¹

A obra “Totem e tabu” é uma obra fundamental tendo em vista o impacto que vai causar nas descobertas posteriores de Freud, e também se trata de sua principal obra sobre o fenômeno religioso. Ao longo dos anos seguintes, Freud desenvolveu importantes obras com “Além do princípio do prazer”, “O ego e o id”, dentre outras, cuja significação e contribuição gerais são analisadas pelo autor em sua autobiografia:

Nas obras de meus anos mais recentes (“Além do Princípio do Prazer” [1910g], “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego” [1921c] e “O Ego e o Id” [1923b]), dei livre rédea à inclinação, que reprimi por tanto tempo, para a especulação, e também considerei uma nova solução do problema dos instintos. Combinei os instintos para a autopreservação e para a preservação da espécie sob o conceito de Eros e contrastei com ele um instinto de morte ou destruição que atua em silêncio. O instinto, em geral, é considerado como uma espécie de elasticidade das coisas vivas, um impulso no sentido da restauração que outrora existiu, mas que foi conduzida a um fim por alguma perturbação externa. Esse caráter essencialmente conservador dos instintos é exemplificado pelos fenômenos da compulsão de repetição. O quadro que a vida nos apresenta é o resultado da ação simultânea e mutuamente oposta de Eros e do instinto de morte.³²

³¹ FREUD, 1996h, p. 40-41.

³² FREUD, 1996h, p. 35-36.

Assim, “por um processo de desenvolvimento contra o qual teria sido inútil lutar, o próprio termo ‘psicanálise’ tornou-se ambíguo. Embora fosse originalmente o nome de um método terapêutico específico, agora também se tornou a denominação de uma ciência”³³. E assim como todos os campos de conhecimentos, a psicanálise parece prestar-se também a colaborar empiricamente com outras áreas de saber, assim como instigando questionamentos e contrapontos a outras ciências. Ainda que

essa ciência [seja] poucas vezes capaz de lidar com um problema de maneira completa, [...] parece fadada a prestar valiosa ajuda nos mais variados campos do conhecimento. A esfera de aplicação da psicanálise estende-se até a da psicologia, com a qual forma um complemento do maior significado.³⁴

3 FREUD E A RELIGIÃO COMO ILUSÃO

“No próprio clímax do meu trabalho psicanalítico”, escreve Freud, “em 1912, já tentara, em ‘Totem e Tabu’, fazer uso dos achados recém-descobertos da análise a fim de investigar as origens da religião e da moralidade”³⁵. De acordo com Peter Gay, a linhagem intelectual em “Totem e tabu” é impressionante, somente perdendo seu caráter impactante e original devido ao passar do tempo e ao crescente desenvolvimento científico das disciplinas afins, que deram continuidade a algumas das teorias de Freud³⁶. Gay relata que, com “O futuro de uma ilusão, [Freud] cumpriu a promessa que fizera a si mesmo. Demolir a religião com armas psicanalíticas estava, pois, havia muitos anos na agenda de Freud”³⁷. Em conclusões finais de sua autobiografia, Freud escreve:

Percebi ainda mais claramente que os fatos da história, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primitivas (cujo exemplo mais proeminente é a religião) não

³³ FREUD, 1996h, p. 43.

³⁴ FREUD, 1996h, p. 43.

³⁵ FREUD, 1996h, p. 44-45.

³⁶ GAY, 2012, p. 334.

³⁷ GAY, 2012, p. 529.

passam de um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o superego que a psicanálise estuda no indivíduo – são os mesmíssimos processos repetidos numa fase mais ampla. Em “O futuro de uma ilusão” exprimi uma avaliação essencialmente negativa da religião.³⁸

Muitos foram os estudiosos que, ao longo da história do pensamento humano, debruçaram-se sobre o estudo do fenômeno religioso e de sua complexidade³⁹. A visão de Freud a esse respeito é bem conhecida, como já mencionamos: para ele, as ideias religiosas ocupavam inteiramente o campo da ilusão⁴⁰.

Freud dá início aos seus estudos sobre religião com a publicação do texto “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), e, nele, cria um paralelo entre os cerimoniais praticados pelos religiosos e os atos praticados por pessoas obsessivas⁴¹. Em ambos “[...] existe a consciência que a negligência dos mesmos acarreta, na completa exclusão de todos os outros atos (revelada na proibição de interrupções) e na extrema consciência com que são executados em todas as minúcias”⁴². As semelhanças são notáveis: “os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem ser sempre realizados numa mesma ordem, ou com variações regulares.”⁴³ Elinês Costa salienta que, para Freud, “a presença do desejo na formação de uma crença assume um papel preponderante em sua crítica à religião, redefinindo-a como ‘crença de ilusão’”⁴⁴.

Freud encontrou sustentação para suas críticas em algumas áreas da ciência, tendo-a talvez como um firme apoio para refletir sobre o mundo e a

³⁸ FREUD, 1996h, p. 44-45.

³⁹ ROCHA, Z. J. B.; MACIEL, K. D. S. A. Dois discursos de Freud sobre a religião. In: **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3, set., 2008, p. 729-754, aqui p. 729.

⁴⁰ DE SOUZA, A. R. L. A pertinência do discurso freudiano sobre o fenômeno religião. In: **Sacrilegens**. Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2014, p. 108-118. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-2-8.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2016, p. 109.

⁴¹ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 749.

⁴² FREUD, S. **Atos obsessivos e prática religiosa** (1907). Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 109.

⁴³ COSTA, E. J. Ratio et fides no pensamento de Sigmund Freud. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 51-72, 2006, p. 61.

⁴⁴ COSTA, 2006, p. 61

humanidade. Mas, enquanto crítico da religião, ele não parece ter encontrado um respaldo sólido para suas teorias, ainda que tenha acreditado nisso. Para Hans Küng,

A partir de Freud, tudo o que é humano, ou seja, toda a atividade consciente individual e social do homem, inclusive sua fé em Deus, tem que ser visto necessariamente em conexão com aquela região da psique que possui suas leis próprias que, não obstante, se subtrai ao controle consciente e à observação direta.⁴⁵

Encontramos, assim, inconsistências em suas críticas, tendo em vista que a sua análise da religião baseia-se em diversos pressupostos que não podem ser comprovados ou falseados, nem passam pela observação direta, como o exige o método científico. Naturalmente, “a ideologia iluminista e o fazer científico positivista tiveram uma grande influência sobre Freud, desde o início de sua formação acadêmica”⁴⁶; mas como explicar, então, sua utilização de métodos em geral subjetivos para alcançar suas conclusões?

Em 1933, na XXXV Conferência “A questão de uma Weltanschauung”, Freud reitera seu discurso contra o pensamento religioso, ressaltando sua interpretação negativa do fenômeno⁴⁷. Para Zeferino Rocha, a Weltanschauung religiosa consistiria em saciar a sede humana por conhecimento, consolar os homens diante dos sofrimentos e dissabores da vida, e controlar as relações entre os homens, impondo-lhes proibições e restrições⁴⁸. Acerca do tema, escreve Freud:

A última contribuição à crítica da Weltanschauung religiosa foi feita pela psicanálise, ao mostrar como a religião se originou a partir do desamparo da criança, e ao atribuir seu conteúdo à sobrevivência, na idade madura, de desejos e necessidades da infância. Isto não significou necessariamente uma contestação à religião; não obstante, representou um ajustamento de nosso conhecimento a seu respeito e, pelo menos em um aspecto, foi uma impugnação, de vez que a própria religião se arroga uma origem divina. E, na realidade, nisto parece estar correta, desde que seja aceita nossa interpretação de Deus.⁴⁹

⁴⁵ KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas, SP: Versus Editora. 2006, p. 76-77.

⁴⁶ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 732.

⁴⁷ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 738.

⁴⁸ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 739.

⁴⁹ FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise**: Conferência

Portanto, de acordo com Rocha, “as motivações psíquicas da experiência religiosa seriam oriundas da reparação do sentimento originário de culpa, ligado ao assassinato do pai primitivo”; esse trauma seria, então, transmitido ao longo da história da humanidade⁵⁰. O ser humano buscaria, assim, a realização de seus desejos buscando a solução dos enigmas e necessidades de sua existência, de forma que a opção pela vertente religiosa poderia aliviar seus conflitos e suas demandas emocionais⁵¹.

Em “O futuro de uma ilusão”, Freud busca esclarecer o intuito e o verdadeiro foco de suas críticas à religião:

Em meu trabalho “O futuro de uma ilusão” [1927], estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião – o sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso. Tudo é tão patentemente infantil, tão estranho à realidade, que, para qualquer pessoa que manifeste uma atitude amistosa em relação à humanidade, é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de superar essa visão da vida. Mais humilhante ainda é descobrir como é vasto o número de pessoas de hoje que não podem deixar de perceber que essa religião é insustentável e, não obstante isso, tentam defendê-la, item por item, numa série de lamentáveis atos retrógrados.⁵²

Como se pode notar em “Futuro de uma Ilusão”, Freud tece suas mais severas críticas à religião e às ideias religiosas, salientando a “insignificância humana diante dos poderes da natureza, não obstante o complexo paterno, fazem das ideias religiosas um misto de ilusão”⁵³.

XXXV: A questão de uma Weltanschauung (1933). Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 204.

⁵⁰ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 744.

⁵¹ COSTA, 2006, p. 62.

⁵² FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1929/1930). Rio de Janeiro: Imago, 1996e, p. 82.

⁵³ DE SOUZA, 2014, p. 109.

Basta-nos que as tenhamos reconhecido como sendo, em sua natureza psicológica, ilusões. Contudo, não somos obrigados a ocultar o fato de que essa descoberta também influencia fortemente nossa atitude para com a questão que a muitos deve parecer a mais importante de todas. Sabemos aproximadamente em que períodos, e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas. Se, ademais, descobrirmos os motivos que conduziram a isso, nossa atitude para com o problema da religião experimentará um acentuado deslocamento. E seria ainda mais notável se nossos lamentáveis, ignorantes e espeznizados ancestrais tivessem conseguido solucionar todos esses difíceis enigmas do universo.⁵⁴

Freud não só buscou explicar a origem da religião e da religiosidade nesta obra, como também pressupôs um processo de definimento da religião⁵⁵ a partir do desenvolvimento e dos avanços da ciência moderna. Até o momento, é claro, “o fim da religião não ocorreu no contexto religioso latino-americano, contudo o discurso de Freud, ‘mestre da suspeita’, ressoa, e será que ele ainda é pertinente para o entendimento do fenômeno religião?”⁵⁶ Zeferino Rocha defende que, em “O futuro de uma ilusão”, “a razão impera como em um reinado soberano, e as produções humanas devem todas ser submetidas ao seu poderoso tribunal, principalmente a suposta verdade das ideias religiosas”⁵⁷. E apesar dessa defesa à razão, o próprio Freud admite que

o desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.⁵⁸

Elinês Costa, entretanto, contrapõe-se à busca do conhecimento pela ciência, afirmando que “não nos parece admissível que ele [Freud] recorra à

⁵⁴ FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1996d, p. 42-43.

⁵⁵ A relação de Freud com a religião sempre foi conflituosa. Mas também se faz necessário ressaltar que Freud ficava dividido com relação ao misticismo, questão que pode ser vista nas cartas entre Freud e Romain Rolland, onde Freud não dizia necessariamente que era contra o misticismo, e sim, que não o compreendia em sua totalidade. Então, a crítica de Freud ao misticismo teria um cunho científico baseado na ciência moderna, mas não necessariamente que ele rejeitasse o misticismo em sua totalidade.

⁵⁶ DE SOUZA, 2014, p. 109.

⁵⁷ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 737.

⁵⁸ FREUD, 1996d, p. 27-28.

razão acreditando que ela fornecerá respostas aos enigmas do universo”⁵⁹. A esse respeito, Freud defende que o acúmulo de conhecimento acerca do mundo por via da razão tende a diminuir o nível de religiosidade nas civilizações:

O espírito científico provoca uma atitude específica para com os assuntos do mundo; perante os assuntos religiosos, ele se detém um instante, hesita e, finalmente, cruza-lhes também o limiar. Nesse processo, não há interrupção; quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais. [...] A civilização pouco tem a temer das pessoas instruídas e dos que trabalham com o cérebro. Neles, a substituição dos motivos religiosos para o comportamento civilizado por outros motivos, seculares, se daria discretamente; ademais, essas pessoas são em grande parte, elas próprias, veículos de civilização.⁶⁰

Segundo Elinês Costa, Freud acreditava que “a primazia do intelecto representa o elemento destinado a extirpar os grandes males – a ignorância e o desamparo – presentes no discurso e na essência mesma da religião”⁶¹. Claramente, como já foi citado, Freud *não* sustentava essa opinião: “o desamparo do homem, porém, **permanece** e, junto com ele, seu anseio pelo pai”⁶² (grifo nosso).

Ainda assim, Freud acreditava que “a Weltanschauung religiosa, em flagrante declínio, está destinada a ser substituída pela visão de mundo científica”⁶³. Em relação a essa decadência da religião, cabe lembrar que, segundo Freud, a religião tem uma função primordial no que diz respeito à existência da civilização humana – o que, notavelmente, aponta para uma incongruência em seus posicionamentos.

Outro elemento ressaltado por Freud é o do sentimento de culpa, que para ele é um fator preponderante para que a humanidade não se autodestrua. No livro “O mal-estar na civilização”, ele descreve o fenômeno do sentimento de culpa:

Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do

⁵⁹ COSTA, 2006, p. 66.

⁶⁰ FREUD, 1996d, p. 48.

⁶¹ COSTA, 2006, p. 66.

⁶² FREUD, 1996d, p. 27-28.

⁶³ ROCHA; MACIEL, 2008, p. 739.

mundo real de maneira delirante. A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual.⁶⁴

Ao longo desta obra, Freud pergunta-se até quando a religião será capaz de conter os impulsos autodestrutivos dos homens, sendo que esse questionamento é deixado sem resposta.

Alguns anos após a conclusão de “O mal-estar na civilização”, Freud publicou sua última obra sobre religião: Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939). No livro, Freud busca apresentar as raízes dos monoteísmos judaico e cristão, partindo de explicações de diferentes campos científicos, tais como a exegese bíblica e a história das religiões.

De posse das investigações anteriores, Freud reafirmou suas explicações sobre a origem do fenômeno religioso fazendo alusão à obra “Totem e tabu”. Da mesma forma que o pai da horda dos hebreus, Moisés, foi assassinado, sendo ele uma representação do “Pai” no monoteísmo judaico, sua morte foi perpetrada pelo povo que ele libertou. Assim, como os assassinos da horda foram invadidos pelo sentimento de culpa devido ao assassinato do pai, o mesmo também aconteceu com o povo judeu, ao verem morto seu libertador. Para Freud, a morte do líder do povo judeu não representa nada mais que a repetição do assassinato do Pai Primitivo. Cucci destaca que “Freud fala de Moisés nos termos de uma figura onipresente e inquietante, com a qual não consegue nunca verdadeiramente fechar as contas”⁶⁵. Quando seu amigo Ernest Jones se dirigia a Roma, ele lhe escreve uma carta nestes termos: “Invejo-te porque verás Roma tão cedo e tão jovem. Expressa a Moisés a minha mais profunda devoção e escreve-me sobre ele”. Ernest Jones veio a responder: “A primeira coisa que fiz na minha chegada a Roma foi levar a tua mensagem a Moisés e tive a impressão que sua ira diminuiu um pouco”⁶⁶.

Além disso, Freud pressupõe “um fragmento de verdade histórica na ressurreição de Cristo, pois ele foi o Moisés ressurreto e, por trás deste, o pai primevo retornado da horda primitiva, transfigurado e, como o filho, colocado

⁶⁴ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1929/1930). Rio de Janeiro: Imago, 1996e, p. 92.

⁶⁵ CUCCI, G. S. J. Freud e Moisés. In: **Cultura e Fé**. Porto Alegre, v. 32, n. 127, 2009, p. 443-455, p. 446.

⁶⁶ CUCCI, 2009.

no lugar do pai”⁶⁷. Assim, para Freud, “Cristo é o herdeiro de uma fantasia de desejo que permaneceu irrealizada; se houve, então ele foi seu sucessor e sua reencarnação”⁶⁸. Então, “é plausível conjecturar que o remorso pelo assassinato de Moisés forneceu o estímulo para a fantasia de desejo do Messias, que deveria conduzir seu povo à redenção e ao prometido domínio mundial”⁶⁹.

4 DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E PSICANÁLISE

Como já citamos anteriormente, a obra de Freud define a religião como um atraso para a maturidade psicológica, causadora de um infantilismo que impede os religiosos de atingir a felicidade e a plenitude. Enxergamos, contudo, uma possibilidade de leitura teológica na obra freudiana, tendo em vista que ela, assim como a fê cristã, busca conduzir à maturidade espiritual. De acordo com Oskar Pfister, interlocutor de Freud ao longo de trinta anos:

A religião é o sol que gerou o mais belo florescer da arte e a colheita mais rica da mentalidade ética. Toda arte magnífica e portentosa é oração e oferta perante o altar de Deus... Os grandes avanços da ética não são devidos aos cientistas, mas aos fundadores de religiões.⁷⁰

O diálogo entre religião e psicanálise, como já foi dito, sempre foi tumultuoso. A intolerância às críticas e à diferença de pensamento, assim como a dificuldade em debater um tema-tabu como o do inconsciente e o da sexualidade infantil, impuseram grandes dificuldades ao estudo aprofundado desses temas por parte de seus opositores. Os devotos de diferentes confissões religiosas se sentem agredidos, por vezes, ao se depararem com a ideia de que as religiões são ilusórias. Embora tenha se desenvolvido esse diálogo, ainda existem grandes dificuldades nesse debate delicado⁷¹.

⁶⁷ FREUD, S. **O homem Moisés e a religião monoteísta**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 130.

⁶⁸ FREUD, 2013, p. 126.

⁶⁹ FREUD, 2013, p. 126.

⁷⁰ PFISTER, Oscar. A ilusão de um futuro. In: WONDRACEK, K. **O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-56, p. 51.

⁷¹ Cf. MORANO, Carlos Domínguez. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003.

O embate entre psicanálise e religião poderia ter trilhado outros caminhos caso não houvesse acontecido o instigante e inflamado encontro entre Freud, um “judeu sem Deus”, e Pfister, homem de uma fé cristã profunda e entusiasta pela psicanálise. Apesar das diferenças quanto à religião, Freud e Pfister mantiveram, durante quase trinta anos, uma amizade tão estreita a ponto de frequentarem a casa um do outro, trocando presentes e confidências, além de uma vasta correspondência.⁷²

Assim como a relação de amizade entre Freud, crítica da religião, e Pfister – seu crítico e comentador – constitui um certo mistério, visto a diferença de seus posicionamentos, também nos parece difícil estabelecer uma relação colaborativa entre a psicanálise e a religião, ainda que o acreditemos plenamente possível. Para Freud, como vimos, a religião é como um “sonho: um modo de realização de desejos, ou seja, o indivíduo criaria para si uma realidade imaginária, e a partir daí surgiria a ideia de ilusão, frente à realidade concreta.”⁷³

Em relação à obsessão neurótica, segundo aspecto abordado, por Pfister ([1928] 2003) concorda com Freud que a experiência religiosa em várias ocasiões esteve profundamente aparentada com a neurose obsessiva. Contudo, essa relação somente ocorreu nas primeiras etapas do desenvolvimento religioso e nos momentos em que a ortodoxia religiosa se fez particularmente intensa na vida dos indivíduos e coletividades. Portanto, para Pfister ([1928] 2003) a ortodoxia religiosa não representa o essencial da religião.⁷⁴

Para Pfister, os grandes pesquisadores nunca tiveram problemas com relação a supostas incongruências entre suas pesquisas, sua fé e sua forma de pensar – filosoficamente falando⁷⁵. Assim, “Pfister confronta Freud também em relação à religião como proteção da cultura. Ele não concorda com Freud que a religião seja freio para as pulsões nem consolação para as inúmeras renúncias às quais a civilização deve recorrer para manutenção de si mesma.”⁷⁶ A religião “para Pfister [...] deve tratar de sensibilizar e transformar os homens diante de uma

⁷² FRANCO, S.; CECCARELLI, P. R.. Religião ou ilusão? O embate Freud x Pfister. In: **Reverso**. Belo Horizonte, ano 36, n. 67, jun. 2014, p. 75-84, p. 76.

⁷³ FRANCO; CECCARELLI, 2014, p. 76.

⁷⁴ FRANCO; CECCARELLI, 2014, p. 76.

⁷⁵ Cf. PFISTER, 2003.

⁷⁶ FRANCO; CECCARELLI, 2014, p. 80.

civilização em plena decadência. Nesse sentido, a religião é convocada para ser o fundamento de uma crítica da cultura⁷⁷.

Pfister parece separar a compreensão do universo em dois estratos: a realidade externa, palpável e deduzível pela ciência, e a realidade espiritual, que teria um papel essencial para a existência humana. Esse papel, para Pfister, não seria o de coibir pulsões negativas, mas sim incitar uma crítica e um amadurecimento à cultura. Sua aspiração é estabelecer uma integração entre fé e ciência:

Uma religião esclarecida só pode surgir do entrelaçamento harmônico entre fé e ciência, a partir de uma mútua interpretação entre o pensamento e desejo e o pensamento realista, na qual, entretanto, o conteúdo do pensamento do real não pode sofrer nenhuma falsificação da realidade e das suas correlações.⁷⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pfister ainda identifica possíveis contribuições que a psicanálise pode prestar à libertação do infantilismo psicológico. Para ele, a psicanálise pode contribuir ativamente para uma experiência religiosa saudável, pois através do amadurecimento psicológico a religião deixaria de ser uma distorção da realidade, moldada por aspectos infantis, e passaria a contribuir para o esclarecimento e a autonomia humana.

Portanto, como pode ser visto, é possível uma conciliação entre a fé e a psicanálise, uma vez que elas não são necessariamente excludentes. A fé na religião não necessariamente caracteriza uma ilusão, pois a religião pode favorecer o desenvolvimento da civilização humana, assim como conduzir-nos à maturidade psicológica, tendo em vista que a fé não exclui a ciência de seu campo de investigação e a ciência também não exclui a fé de suas pesquisas.

Ainda que Freud se considerasse ateu, ele sempre declarou que a psicanálise não tinha qualquer comprometimento com o ateísmo, assim como com qualquer outra religião, pois se tratava de uma ciência, portanto independente de posicionamentos religiosos⁷⁹. Defendia o estatuto de cientificidade da psicanálise,

⁷⁷ FRANCO; CECCARELLI, 2014, P. 80.

⁷⁸ PFISTER, 2003, p. 22.

⁷⁹ “Tendo identificado as doutrinas religiosas como ilusões, somos imediatamente

buscando estar livre de qualquer posicionamento que não fosse absolutamente neutro.

REFERÊNCIAS

- COSTA, E. J. Ratio et fides no pensamento de Sigmund Freud. In: **Fides Reformata**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 51-72, 2006.
- CUCCI, G. S. J. Freud e Moisés. In: **Cultura e Fé**. Porto Alegre, v. 32, n. 127, 2009, p. 443-455.
- DE SOUZA, A. R. L. A pertinência do discurso freudiano sobre o fenômeno religião. In: **Sacrilegens**. Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2014, p. 108-118. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-2-8.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2016.
- FRANCO, S.; CECCARELLI, P. R.. Religião ou ilusão? O embate Freud x Pfister. In: **Reverso**. Belo Horizonte, ano 36, n. 67, jun. 2014, p. 75-84.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. **Atos obsessivos e prática religiosa** (1907). Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- _____. **Duas histórias clínicas (o pequeno Hans e o homem dos ratos)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- _____. **Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna** (1908). **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos** (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise**: Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung (1933). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. **O futuro de uma ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1996d.
- _____. **O homem Moisés e a religião monoteísta**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. **O mal-estar na civilização** (1929/1930). Rio de Janeiro: Imago, 1996e.
- _____. **Psicologia de grupo e análise do ego** (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1996f.
- _____. **Totem e tabu** (1913[1912-13]). Rio de Janeiro: Imago, 1996g.
- _____. **Um estudo autobiográfico** (1925 [1924]). Rio de Janeiro: Imago, 1996h.
- GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- _____. **Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e construção da psicanálise**. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1992.
- GUIMARÃES, V. C. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. In: **Educativa**. Goiânia, v. 15, n. 1, jan./jun., 2012, p. 53-66.

defrontados por outra questão: não poderão ser de natureza semelhante outros predicados culturais de que fazemos alta opinião e pelos quais deixamos nossas vidas serem governadas? [...] E, uma vez despertada nossa suspeita, não nos esquivaremos de também perguntar se nossa convicção de que podemos aprender algo sobre a realidade externa pelo emprego da observação e do raciocínio no trabalho científico, possui um fundamento melhor.” (FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. p. 44).

- JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Vol. 1-3. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas, SP: Versus Editora, 2006.
- PFISTER, Oscar. A ilusão de um futuro. In: WONDRAČEK, K. **O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-56.
- ROCHA, Z. J. B; MACIEL, K. D. S. A. Dois discursos de Freud sobre a religião. In: **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3, set., 2008, p. 729-754.